
Quando a rua vira casa: pesquisas participativas e labirintos metodológicos entre São Paulo e o Rio de Janeiro¹

Gabriela Cleveston GELAIN²

Victor BELART³

PPGCOM ESPM-SP, São Paulo, SP

PPGCOM UERJ, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO: Este artigo nasce pelo ímpeto do intercâmbio entre pesquisadores implicados e localizados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Pelo interesse acadêmico e afetivo de produzir uma reflexão comum nos estudos da comunicação urbana direcionada a pensar o corpo de investigadores que atualmente se aventuram entre as duas maiores cidades do país. Com isso, buscamos auxiliar outros pesquisadores e compartilhar experiências sobre processos e percursos investigativos. Encorajamo-nos entre métodos híbridos e multimetodológicos, narrados em primeira pessoa, apresentando nossas pesquisas e inquietações a partir de um coletivo de poesia falada LGBTQI+ no centro (São Paulo) e dos sujeitos festivos (Rio de Janeiro) e seus percalços labirínticos. Um encontro de objetos distintos que se comunicam nos ativismos, no trânsito, no fluxo da urbe e pelas (novas) relações e construções subjetivas destes sujeitos com as tecnologias digitais durante a pandemia de Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE: Experimentações metodológicas; Culturas urbanas; Metrôpoles comunicacionais; Corpo; Ativismos musicais.

Introdução: apresentação de duas investigações participativas entre São Paulo e o Rio de Janeiro

São Paulo e Rio de Janeiro têm sido, nas últimas três décadas, importantes laboratórios de reflexão para os estudos de comunicação e cidade. Muito antes de nós, diferentes pesquisadores estiveram debruçados sobre o rico caleidoscópio urbano que são essas metrópoles⁴. Com trajetórias e ambiências distintas, esses dois territórios unificam-se por sua vocação pelo movimento, pelas constantes disputas e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM ESPM-SP, mestra em comunicação pela UNISINOS e graduada em jornalismo pela UFSM. Bolsista Capes com dedicação exclusiva. Integrante do grupo de pesquisa Juvenália e membro da rede de pesquisadores Punk Scholars Network. E-mail: gabrielagelain@gmail.com

³ Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM UERJ. Bolsista Capes. Integrante do grupo Comunicação, Arte e Cidade (CAC). E-mail: belart.victor@gmail.com

⁴ Para encontrar investigações desenvolvidas sobre questões urbanas no campo da Comunicação, sugerimos a consulta de grupos de pesquisa como: Juvenália (PPGCOM ESPM-SP), Urbesom (UNIP), Labcult (UFF), CultPop (UNISINOS), NEPCOM (UFRJ), LACON (UERJ), LEME (UERJ) e CAC (UERJ). Também sugerimos os trabalhos publicados nos congressos: Kismif Conference (Portugal), Comúsica, Musimid e IASPM-AL, COMPÓS e INTERCOM. Em vários desses grupos e eventos científicos, é comum encontrar trabalhos que investiguem práticas culturais nas ruas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

gentrificações, pela paixão pela rua, por seus vários corpos diaspóricos e sua constante inconformidade. Além disso, estão por ali as multidões, desigualdades, mediações comunicacionais, disputas midiáticas e encontros lúdicos constantemente produzidos por cada um de seus habitantes. Para além de importâncias econômicas, históricas e turísticas, tem sido interessante perceber como algumas pesquisas científicas também encorajam investigadores e demais leitores a desvendarem essas localidades em seu cotidiano como arena de experiências abertas.

Este artigo nasce exatamente pelo ímpeto do intercâmbio entre pesquisadores implicados e localizados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Pelo interesse acadêmico e afetivo de produzir uma reflexão comum nos estudos da comunicação urbana direcionada a pensar o corpo de pesquisadores que atualmente se aventuram entre as duas maiores cidades do país. Para isso, encorajamo-nos entre métodos híbridos e multimetodológicos, narrados em primeira pessoa. São duas pesquisas que tocam as questões do corpo nas grandes cidades: questões de gênero, ativismos musicais, o trânsito, o fluxo das pessoas e as suas (novas) relações e construções subjetivas com as tecnologias digitais durante a pandemia.

Cardona e Alvarado (2015), a partir do que propõem por uma Investigação Narrativa, compreendem que narrar é responder a uma certa estrutura subjetiva e lógica, é mais do que responder a uma cronologia, é permitir-se dar conta da composição particular e complexa frente aos acontecimentos experienciados no campo: uma rota metodológica distinta. Procuramos, assim, interpretar a complexidade das narrativas que surgem no campo e junto aos sujeitos implicados nas pesquisas e acreditamos na inter-relação entre pesquisador e investigado, na possibilidade de enunciação dos participantes da pesquisa.

Duas pesquisas de doutorado em desenvolvimento e atravessadas por uma pandemia serão apresentadas neste artigo: a) “As narrativas audiovisíveis de corpos dissidentes em um coletivo LGBTQI+, o Slam⁵ Marginália”, na cidade de São Paulo, construída por Gabriela Gelain e iniciada em 2019; Neste artigo, será explicitada a construção de pesquisa até o encontro com o coletivo no centro de São Paulo e as

⁵ Os encontros de poesia falada do tipo *poetry slam* ou *slam poetry* têm origem nos Estados Unidos nos anos 1980 e ascendem no Brasil após 2018, geralmente organizados em espaços públicos (“ágoras” urbanas). Os *slams* possuem algumas regras próprias e utilizam da competitividade como uma “desculpa” para chamar a atenção do público e júri popular. As poesias geralmente são narradas em primeira pessoa, confessionais e muitas vezes com ênfase em questões periféricas, antirraciais, feministas e políticas.

mudanças ocorridas ao longo de 2020; b) “Do Carnaval Carioca ao Neofanfarrismo⁶ brasileiro”. Nessa reflexão serão propostas algumas experimentações metodológicas diante de uma tese que foi iniciada no primeiro mês de pandemia de Covid-19, em março de 2020. A pesquisa tem refletido sobre urbanidades, ativismos musicais e a popularização das neofanfarras e seus festivais nas ruas do Rio de Janeiro e em outras capitais do Brasil. Neste artigo, entretanto, estaremos concentrados na experiência do autor e dos músicos investigados diante de uma cidade que muda de rotina e ritmo independente de nossas vontades e aspirações.

1. Os encontros de poesia falada no espaço público e nas redes digitais: Slam Marginália e gêneros dissidentes no centro de São Paulo

Enquanto pesquisadora implicada, eu (Gabriela) acredito na importância dos pesquisadores explicitarem brevemente suas trajetórias de vida ao construir um texto, que também nos impulsiona a costurar este emaranhado de teorias, con/fusões epistemológicas, estranhamentos empíricos e alterações metodológicas no percurso de uma investigação. Eu sou uma pesquisadora implicada e interessada. Busquei a mudança para uma metrópole justamente porque sabia que encontraria uma diversidade de culturas juvenis, urbanas e ativistas nos espaços públicos de São Paulo. No mestrado, me posicionei enquanto uma pesquisadora *insider* (GELAIN, 2017), o que me trouxe inúmeros desafios, uma vez que precisava lidar com a aproximação e a uma certa distância do objeto, além de evitar romantismos e idealizações no campo de pesquisa sobre o punk feminista no Brasil (o *Riot Grrrl* brasileiro). Já nesta pesquisa de doutorado, inicialmente pensava que seria “apenas uma pesquisadora *outsider*” (como se fosse possível estar *tão* distanciada assim) e, no entanto, outros desafios surgiram ao longo deste percurso – com a pandemia, também ocorreram alterações intrínsecas ao meu campo de pesquisa, um *slam*, uma competição (batalha) de poesia falada que precisou se adaptar para um formato on-line.

⁶ As Neofanfarras são parte de um movimento integrado que combina referências do Carnaval, do circo e da cultura pop. Esses grupos articulam-se desde o final dos anos 2000 no Rio de Janeiro, alcançando popularidade também por outras capitais do Brasil. Em seus eventos e festivais, elas discutem questões de gênero, raça, direito à cidade, entre outras relações. Os grupos também mantêm relação com bandas de rua ativistas dos Estados Unidos, França, Chile ou Argentina.

Quando mudei para a região central de São Paulo (eu, que nem conhecia o centro e achava que conhecia a cidade!), na região dos metrôs República e Anhangabaú, fui acolhida por uma amiga feminista baiana, também acadêmica e dedicada aos estudos de gênero. Conheci ela por correspondência de cartas e trocas de fanzines punk, lá pelos meus 14 anos, quando ainda morava em Santa Rosa (Rio Grande do Sul). Através dela, fui apresentada presencialmente a um encontro de mulheres envolvidas com rap, chamado Batalha Dominação. Fomos a um encontro da Dominação, em fevereiro de 2019. No entanto, o meu contato com este evento se deu já antes desta visita.

Em 2018, através de *stories* e postagens no perfil da Batalha Dominação no Instagram, já observava que algo muito único acontecia naquele local ao lado do metrô São Bento – através dos corpos ali expostos, do encontro na rua, do conteúdo das narrativas que eu acompanhava por meio da tela do celular. Além disso, o cenário que constituía a Batalha Dominação era muito intrigante, possivelmente pelo meu olhar de uma estranha sobre um ambiente cosmopolita. Em meu imaginário, foi se constituindo um imaginário do urbano misturado ao fazer político, que me parecia bastante jovem e revolucionário. A partir desta construção, deste recorte imagético que fiz previamente, imaginava que o encontro da Batalha Dominação fosse realizado literalmente na porta de um metrô e não em um espaço público próximo, muito menos com uma aglomeração em frente a um grande mosteiro e a presença da musicalidade dos seus sinos ao longo do anoitecer, no Largo de São Bento. Só quando vivenciei a Batalha Dominação presencialmente foi que me dei por conta disso: aqui percebo a importância de nos deslocarmos (nós, pesquisadores) até as culturas urbanas analisadas, vivenciar o campo presencialmente, ainda que muitas vezes possamos encontrar coletas ricas nos ambientes on-line dos grupos e por meio de etnografias digitais. Neste mesmo local, existe também um viaduto, um posto de polícia e moradores de rua que residem nesta região, cães abandonados, diversos cheiros, comércio como cafés e restaurantes, táxis, transeuntes, helicópteros sobrevoando. Me intrigavam os discursos ali pronunciados, o estilo de se vestir das pessoas, os múltiplos sotaques que reverberavam no rap feito pelas mulheres.

Depois de alguns dias ambientada na capital paulista, descobri que, no mesmo local deste encontro, acontecia um outro evento similar, “*porém mais específico*”, como minha amiga relatou. Na Batalha Dominação, a maioria das rappers eram mulheres

cisgêneras, fazendo rimas e poesias, trazendo várias questões que permeiam o universo de mulheres cisgêneras, temáticas de suas vivências, seu dia a dia. No entanto, as mulheres trans, travestis e *boycetas*⁷ que participavam deste encontro sentiam a necessidade de debater seus cotidianos em uma comunidade voltada especialmente para o público com identidades de gênero e sexualidades dissidentes. Eram outras questões que surgiam para serem compartilhadas. A partir desta demanda, fundaram o Slam Marginália⁸, que antes da pandemia passou a ocorrer nas primeiras quintas-feiras de todo mês, no mesmo local onde ocorria a Batalha Dominação (que, também antes da pandemia, acontecia às segundas-feiras).

Confesso que fiquei bastante curiosa quando ouvi este nome, “Marginália”, uma vez que é muito parecido com o nome do grupo de pesquisa de que faço parte, o Juvenália. Na minha primeira vivência do Slam Marginália, escutei o chamado cantado diversas vezes ao longo dos encontros, quando um poeta vai competir. Esse chamado ocorre tanto nos eventos presenciais quanto na internet: “*Rimando com as marginal / e Fumando com a genitalha / O (cis)tema vai cair / No Slam Marginália!*”. O que há é um encontro, uma polifonia estético-político-epistêmica; são, portanto, múltiplas vozes, que não podem ser resumidas a apenas um formato de poesia ou de performance. De acordo com Vilar (2009, p. 11), “a poesia do *slam* carrega a mestiçagem cultural e linguística, pois é feita sobretudo por pessoas cuja história deriva dos encontros coloniais”.

Assim, a perspectiva de polifonia adotada aqui parte (também) do olhar de Massimo Canevacci (2004, p. 18), que compreende as cidades e a comunicação do urbano e das metrópoles como um “coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam”; e também designa uma determinada escolha metodológica de *dar voz a*

⁷ “Em São Paulo, as pessoas não-binárias que antes definiam a si próprias como transmasculinas vêm reivindicando, cada vez mais, outro nome para si: *boyceta*. Da mesma forma como a travestilidade foi construída como uma possibilidade de gênero à parte, para além do ‘ser homem’ e do ‘ser mulher’, a construção de ‘*boyceta*’ vem se mostrando também enquanto um gênero próprio (muitas pessoas, inclusive, se valem deste paralelismo entre travesti e *boyceta* para explicar a nova identidade). A diferença entre *boyceta* e homem trans, tal qual travesti e mulher trans, é de autodeclaração, mas implica também em reivindicar uma masculinidade que não evoca a ideia de homem, muitas vezes passando pelo lugar do transviado, da anúnciação de uma masculinidade que além de não ser falocêntrica se propõe a não ser tóxica e frágil tal qual é a masculinidade cis-hétero-patriarcal, não se limitando à uma reprodução impensada da mesma” (VICENTE, 2020, p. 20).

⁸ A partir do campo de pesquisa, compreendo que o Slam Marginália se afirma como um encontro de poesia falada e como um coletivo.

muitas vezes, algo que encontros do tipo *slam poetry* (encontros de poesia falada) parece realizar, na urbe, especialmente nos espaços públicos do Brasil, com vivacidade.

Antes do início da pandemia, no período entre setembro de 2018 e março de 2020, os encontros presenciais eram momentos em que os participantes expressavam suas poesias, danças, músicas e faziam uso do chamado “microfone aberto”. Neste mesmo local, também existia a venda de fanzines, bebidas alcoólicas, comidas veganas e exposições de arte, ao som dos sinos do Mosteiro de São Bento, no Largo de São Bento.

Ao longo do ano de 2019 e o início de 2020, estive presente em 5 encontros do Slam Marginália, onde realizei gravações de trechos das poesias declamadas, anotações em meu caderno de campo e observações, além de registros fotográficos (analógicos e digitais), audiovisíveis (ROCHA, 2009). Além das coletas realizadas no encontro presencial, também analiso o grupo por meio da etnografia digital (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008; KOZINETS, 2007; POLIVANOV, 2013). Segundo Amaral, Natal e Viana (2008, p. 39), os pesquisadores devem tomar consciência para realizar a etnografia digital. Ou seja, precisa estar atento de que há um recorte comunicacional textual dos movimentos digitais da comunidade analisada, “e não a comunidade em si, composta por outros desdobramentos comportamentais além da comunicação (gestual, apropriações físicas, etc)”.

Assim, debrucei-me na análise do perfil do Slam Marginália no Instagram e do perfil deste mesmo coletivo no Facebook, uma vez que este evento passou a ser exclusivamente digital, após o início da pandemia. Para a qualificação no doutorado, pude fazer uma ponte entre a transição do campo presencial (2019 e início de 2020) para o campo digital analisado, além de demonstrar as novas dinâmicas que foram agregadas ao grupo com a passagem do encontro nos espaços públicos para o ambiente digital, como: a) A performance poética realizada no on-line pela primeira vez; b) As mobilizações de debates em torno das questões de gênero; c) A dificuldade e adaptação manifestada pelo coletivo (manuseio e limitação de recursos de internet) por parte de alguns participantes (poetas e organizadores) em relação ao uso de tecnologias digitais; d) A ligação do coletivo a questões institucionais na cidade de São Paulo, como a parceria com bibliotecas públicas e instituições como o SESC, como a publicação do fanzine *revidar*; e) A oportunidade de empregos para pessoas trans, com a aprovação no

Programa VAI da Prefeitura de São Paulo, em 2020, para a realização do "Ateliê de Futuridades Trans", proposto pelo Slam Marginália; f) A divulgação de um caso de suicídio de um homem trans, preto e periférico, que gerou um debate sobre as invisibilidades transmasculinas no coletivo.

3. A importância das pausas e dos labirintos nos estudos sobre comunicação e cidade: algumas pistas iniciais e olhares a partir de sujeitos festivos no Rio de Janeiro

Inicialmente, é importante deixar explícito que o breve mergulho que os convido a experimentar pelas ruas do Rio partirá também da narração de algumas experiências sensíveis e fenomenológicas que pretendem pensar o corpo de pesquisadores (re)adaptando-se ao trânsito de uma cidade em pandemia. Depois de 10 anos ocupando e produzindo eventos nas ruas do Rio de Janeiro, eu (Victor) havia defendido em fevereiro de 2020 uma dissertação de mestrado que impunha um trânsito participativo entre o ofício da pesquisa e o caminhar pela rua. Com isso, para elaboração de um método próprio, busquei levar em conta os ruídos, cheiros, luzes, desgastes físicos de intensas caminhadas e também variadas experiências pessoais e afetivas oriundas das trocas com o corpo da cidade. Um trânsito frenético e enriquecedor de estar constantemente nas ruas acompanhando festas gratuitas⁹ nos espaços públicos do Centro.

Naqueles anos anteriores à pandemia de Covid-19, foi bastante farta a possibilidade de aplicar presencialmente algumas prerrogativas presentes nos estudos de Latour (2012) que previa exatamente a ideia do *pesquisador-formiga*, atuando sempre próximo de coletivos e redes. Tal fato se dava, pelo contexto de que, estando inserido

⁹ Este acompanhamento também foi feito através de meu trabalho como um dos pesquisadores do grupo CAC-UERJ, que em parceria com o NEPCOM-UFRJ, segue na elaboração das Cartografias Sensíveis das Cidades Musicais do Rio de Janeiro. O projeto acompanha de perto a trajetória eventos musicais entre as cidades do Rio de Janeiro, Paraty, Conservatória e Rio das Ostras. Junto disso, minha pesquisa de mestrado priorizou acompanhar manifestações festivas e musicais que ocuparam espaços reformados no Centro Rio de Janeiro durante o período 2010-2020, num tempo de muitas transformações urbanísticas na cidade em preparação para os megaeventos. Este trabalho originou a publicação do livro “Cidade Pirata: Carnaval de rua, coletivos culturais e o Centro do Rio de Janeiro (2010-2020)”. Nesta pesquisa, questões como o consumo, direito à cidade, visualidade, imaginário e performance são acionadas para compreender manifestações culturais de rua que apresentam diferentes formas de fazer política através da festa nos espaços públicos. No doutorado, atualmente investigo a música nas ruas através movimento de neofanfarras ou fanfarras ativistas. Elas ocupam diferentes cidades do Brasil majoritariamente através do Festival Honk.

nessas redes, não era raro encontrar presencialmente e por toda cidade algumas festas, experiências e possibilidades de subversão que aconteciam maneira presencial, das quais Didi-Huberman (2011, p.19) chamava de *vagalumes* por sua “alegria inocente e poderosa.” Caminhando numa sexta à noite pelo Centro do Rio de Janeiro, qualquer cidadão poderia, por exemplo, parar sem querer num cortejo musical e festivo que o fizesse conhecer outros modos de habitar uma região histórica e comercial.

Destaca-se, entretanto, que em tempos de pandemia, exatamente no momento quando terminei minha dissertação e iniciei minha tese, a impossibilidade sanitária deste trânsito ser feito de forma física e presencial gerou em mim algumas reflexões e mudanças no modo de olhar e pesquisar a própria cidade. Susca (2019, p.47) relembra o perigo de ainda acreditarmos em grandes narrativas históricas, mas ainda assim, é notório constatar termos passado recentemente por um período que pode ser observado como demarcador de intervalos temporais (pré e pós-pandêmicos). Neste sentido, cabe também destacar que por aqui, busco refletir acerca dos modos de fazer e reinventar a metrópole especialmente através de artistas e festeiros da rua, que junto de buscar novos modos de sobrevivência em tempos de crise, também nos conduzem a refletir outros modos de pesquisar e sentir as cidades, afinal, ninguém controla o destino, rumos, imprevistos, agendas e necessidades que essas cidades mesmas vão ter em seu dia a dia. Se eu pensava no encontro das ruas cheias como uma certeza eterna, é interessante refletir sobre os vazios e pausas também como um certo ofício de pesquisa

Conduzido pela inventividade dos artistas citadinos em suas possibilidades de adaptar-se, caminharemos aqui em busca de modos de aprender sobre o corpo que pesquisa a cidade e que diante dela sempre pode mudar de rota. Com isso, não proponho um abandono da perspectiva situacionista de utilizar a deriva, a caminhada e o constante movimento como métodos, inclusive, já bastante investigados e apresentados em importantes estudos como os de Careri (2012) ou Jacques (2011). Porém, sem deixar de exaltar o próprio movimento, também podemos considerar as *pausas* como experiências metodológicas de pesquisa inerentes ao mesmo.

Judith Butler (2018, p.26), em texto que nos últimos anos tem ajudado muitas pesquisas do campo da comunicação urbana, apresenta a potência de uma articulação em “aliança” para indivíduos que estejam precarizados em determinadas estruturas e organizações. Por isso, é interessante refletir por aqui sobre o quanto que nossas

pesquisas podem aproximar-se de um trânsito coletivo entre sujeitos investigados que – assim como nós pesquisadores – normalmente vivenciam e dependem de uma vida aglomerada e em movimento. Grada Kilomba, apesar de lembrar dos perigos de falar sobre a margem e precariedade como espaço criativo, ao mesmo tempo relembra que surgem nessas situações e com os indivíduos envolvidos a “possibilidade de devir como um novo sujeito” (KILOMBA, 2019, p.69.) Por esta razão, encorajo-me a refletir exatamente nos modos de fazer e agir desses indivíduos que, repentinamente, tiveram que lidar com a escassez do movimento ou da readaptação da intensidade do mesmo.

Soares (2015, p.8) apresenta a perspectiva das “cidades-pop”, que evocam imagens e reconhecimento. Se pensarmos nessa perspectiva sobre territórios como São Paulo e Rio de Janeiro, pode ser natural que imediatamente nos aproximemos de imagens de uma vida aglomerada e em movimento que nos remete ao trânsito caótico de festas, carros e imagens frenéticas que combinam com algumas pequenas pausas. Canevacci (2013), inspirado no apaixonante mosaico metropolitano, chama atenção, entretanto, para os diferentes modos de olhar e observar uma cidade numa relação da qual chama de sincrética. Sob inspiração do investigador italiano, reitero o quanto pode ser interessante observar que essas capitais metropolitanas, para além de seu trânsito caótico, também estão constantemente carregadas de necessidades de pausa, reconstrução e lento recomeço. E do quanto também carreiras artísticas, festivas e musicais, podem estar acometidas pela lentidão das esperas, dos *backstages*, da solidão que pode vir depois de apresentações nos palcos, dos temidos ostracismos nas carreiras, das incertezas financeiras ou de uma vida que constantemente precisa relacionar-se com a pausa, espera ou a lentidão dos processos.

Assim, é também interessante pensar na experiência pandêmica e na necessidade sanitária dos isolamentos festivos, como um evento que nos põe a refletir constantemente nas pausas e interlúdios que a própria vida metropolitana já impõe constantemente a todos os seus sujeitos, inclusive seus artistas. Fraya Frehse, interessada nesses instantes de pausa da vida urbana, nos chamava atenção, por exemplo, sobre os não transeuntes e indivíduos que quebram o ato tradicional que “associa em geral ruas a espaços de mobilidade, circulação acelerada de pedestres e veículos” (FREHSE, 2019, p.112). A pesquisadora, portanto, sugere observarmos as figuras que, em meio ao caos e confusão do ritmo metropolitano, optam pela pausa ou

pelos interlúdios: uma ação que apesar de estática, não está necessariamente inerte ou estagnada.

Aplicando essa perspectiva ao corpo do pesquisador que encontra na cidade uma arena de experiências, é interessante pensar o quanto o nosso corpo-método pode incorporar a errância e o caminhar, mas também momentos de pausa, distanciamento e entropia. Metaforicamente, é possível distanciar-se momentaneamente da própria pesquisa para desvendar outras rotas e valorizar o exílio. Cuidar de seu corpo e espírito. Saber que é possível (e necessário) imergir nos nossos objetos (e sujeitos) das teses e artigos, mas também nos distanciamentos. Apostar no gratuito, no consumo afetivo de outras referências, geografias de leitura e nos contatos com sujeitos e atores que, aparentemente, não nos vão agregar diretamente à pesquisa de certos objetos, mas por fim, que acabam nos recriando enquanto pesquisadores e sujeitos.

Diante do difícil e complexo ofício científico de pesquisar cidades, destaca-se também a importância do que é aparentemente banal, daquilo que sutilmente nos faz desviar de rota e buscar outros percursos e caminhos. Haraway (2016, p.21) abandonando fronteiras separatistas entre a ciência e suas várias áreas de conhecimento, busca escapar de determinismos, afinal, “o fazer científico e a fabulação especulativa precisam uns dos outros”. Assim, destaco por aqui a importância dos encontros consigo mesmo, na (re)leitura de antigos escritos nossos, nas conversas informais com amigos e demais pesquisadores, na atenção ao dia que o nosso corpo não vai bem ou aos nossos problemas externos, na ativação de antigas memórias, na reflexão sobre os privilégios da própria pausa, no cuidado com o espaço físico por onde sentamos e confabulamos nossa escrita; todos esses elementos sendo pensados também como ferramentas metodológicas importantes para construção de uma reflexão cidadina.

Destaca-se, afinal, a aposta por incluir todos esses elementos numa aventura por narrar e fabular a cidade, também como algumas das experiências corporais necessárias aos pesquisadores que fundem seus corpos diante de processos de escrita e formação metodológica (com ou sem pandemia). Todas essas relações, talvez, estivessem um tanto ofuscadas em tempos de circulação mais fácil entre nossas metrópoles, mas se evidenciaram num tempo onde fica claro que movimentar-se, nem sempre vai ter a ver com deslocar-se fisicamente entre multidões. E percurso, nem sempre vai ter a ver com noções de ponto de partida e chegada pois valorizam-se os caminhos e desvios.

A urbanista Paola Jacques (2011, p.94) também aproxima-se da metáfora do labirinto para compreender a necessidade da desorientação na cidade enquanto método, compreendendo o espaço urbano como “corpo social, coletivo” (JACQUES, 2011, p. 94). A pesquisadora trabalha essa perspectiva a partir da ideia de um espaço de quem vaga, um estado errático” (2011, p.90). Assim, podemos compreender a perspectiva da própria desorientação de cidades que mudam de rota, exigem cuidados e instituem suas outras imposições entre seus sujeitos e agentes que sim, podem desorientar-se e encontrarem-se perdidos, mas dessa própria desorientação podem surgir novas formas de (re)criar suas potências.

Susca (2019, p.47) fala exatamente de uma perspectiva de redes e conectividades onde aquilo que é pequeno e local tenderia a “se impor em primeiro plano”. Neste sentido, num tempo de exaltação de grandes números, das *lives* de milhões de *views* e dos influencers em contexto de overdose digital, é interessante pensar também nestes “microeventos” (FERNANDES; HERSCHMAN, 2016) digitais como ferramentas de auxílio ao corpo artista e do corpo que pesquisa. Assim, entendemos que eles se dão entre experiências afetivas modestas, singelas e de alcance específico que convertem-se em modos de reinventar pesquisas acadêmicas e investigações artísticas no fazer cotidiano que aposta e precisa também dos pequenos encontros, das pausas, dos engajamentos e relações de afeto como fonte movente para além de soluções mirabolantes ou grandes resoluções de pesquisa. Nos termos de Haraway (2016, p.6), aprender a “ficar no problema”. A seguir, podemos ver um exemplo dessa perspectiva através de um artista.

Afinal, já passavam das 23h de uma quarta-feira de cinzas no Rio de Janeiro, mas a Praça Odylo Costa, no bairro histórico de Santa Teresa, permanecia tomada por uma multidão agitada naquela noite de verão. Era o último dia de Carnaval no ano de 2020 e cerca de 3 mil pessoas subiam nos ombros umas das outras, abriam *rodinhas*, cantavam e celebravam o final daquela festa ainda sem imaginar a proximidade da pandemia que estava por vir. Em posição de destaque, segurando um saxofone, estava o músico Thales Browne.

Se observarmos alguns recentes trabalhos do campo comunicação e estudos urbanos, podemos perceber algumas manifestações pelas quais este mesmo músico esteve envolvido como protagonista. Reia (2018) ou Lacombe e Herschman (2020)

apresentam, por exemplo, a trajetória de algumas delas em tempos de ruas cheias. Todas essas relações reproduzem a ideia de um sujeito que constantemente movimentava multidões, ocupa as ruas e depende das receitas de contratos de shows ou doações para o “chapéu”. Na pandemia, entretanto, além de problemas pessoais pela perda de parentes próximos, o músico teve de lidar com desafios financeiros e ausência da rua. No trabalho de Janotti Jr e Queiroz (2020), percebemos a trajetória de modelos de *live* mais intimistas, como os feitos pela artista Teresa Cristina, que destoaram do perfil de milhões de acessos ou produções gigantes. Também nesta linha, este artista do Carnaval das ruas cariocas precisou reinventar-se através do corpo, inclusive sendo convidado pela própria Teresa Cristina para uma conversa informal depois de Thales fazer uma campanha para receber tal convite. Além disso, viveu em casas coletivas fora da cidade, criou ações de chapéu virtual enquanto tocava nas ruas, reinventou modelos de serenatas onde tocava debaixo de janelas de contratados, fez alianças com funcionários de mercados para tocar nos mesmos, mapeou a cidade entre diferentes feiras de rua.

Além disso, participou de outras *lives* e deu entrevistas para pesquisas acadêmicas, mas optou também pelas pausas em dias que não foi capaz ou não teve vontade de tocar nem de falar ou de ser ouvido. Neste sentido, é interessante perceber o quanto este mesmo sujeito ativou suas redes feitas nas ruas, também como modelo de ocupação e reinvenção de seu corpo em movimento. Não é a mesma vida que levava antes, mas a vida que apareceu tal qual a mesma se apresentou e diante da realidade que se tem. Não seria, afinal, esse cotidiano um exemplo singelo de um corpo que se propõe a navegar pelos novos labirintos e aceitar o ritmo dos câmbios e mudanças para além de grandes soluções cartesianas? Na pesquisa acadêmica, assim como no ofício artístico da vida urbana, para além de *viajar* para *chegar*, pode ser preciso *parar* para saber *ir*.

Conclusões: pontos de partida

Por fim, apresentamos duas investigações de doutorado em momentos distintos de pesquisa, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Iniciadas com um ano de intervalo, as duas tiveram que se adaptar em momentos distintos ao trânsito caótico da pandemia e a aceitar suas mudanças de rota e percursos. Neste sentido, é interessante perceber o quanto nosso corpo-método é capaz de radicalizar-se entre desafios impostos pelo dia a dia. Qual seria, afinal, o sentido de pesquisar cidades

senão o ofício de estar adaptado à sua constante imprevisibilidade, encontros e necessidades?

No duro e apaixonante percurso de desvendar conceitos, problemas de pesquisa e produzir reflexões científicas que busquem contribuir com cidades de sujeitos mais visíveis e espaços mais humanizados, buscamos refletir a partir também da própria honestidade e transparência de corpos investigativos que também estão sujeitos a tudo aquilo que a cidade (e sociedade) nos apresenta. Desviar as rotas, construir redes afetivas e solidárias, valorizar percursos¹⁰.

Por aqui, assumindo riscos, procuramos compartilhar experiências de pesquisa que busquem pensar as metrópoles como arenas de aprendizado, inclusive, para investigadores e sujeitos que jamais tenham estado nessas cidades aqui trabalhadas. Construir caminhos metodológicos que, acima de tudo, sejam também solidários com processos de escuta, encorajamento e construção de escritas possíveis.

Enquanto pesquisadores, podemos nos perguntar: o que há no "entre" das categorias binárias fundantes da urbanidade (CRUCES, 2006) como público e privado, trabalho e residência, natureza e concreto, produção e consumo? Como elas se fundem e se entrelaçam? Como afetam nossas pesquisas ao longo de uma pandemia? Como não são fixas e imutáveis? Como refletirmos a pesquisa na cidade para além dos essencialismos?

REFERÊNCIAS

BELART, Victor. **Cidade Pirata: Carnaval de rua, coletivos culturais e o Centro do Rio de Janeiro (2010-2020)**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2021.

¹⁰ “Quando a rua vira casa”, que inspira o título deste trabalho, é o título de uma pesquisa científica realizada por jovens investigadores no bairro carioca do Catumbi durante o início dos anos 80. Na ocasião, eles tinham tido recente contato com a obra de Jane Jacobs e se interessaram pela ideia da cidade como um sistema aberto. Assim, mergulham naquele território do Centro do Rio de Janeiro entre seus traços imprevisíveis. Rodas de samba, pontos de prostituição, futebol nas ruas, velhas senhoras aposentadas, gentrificações, a rotina dos ciganos, festas religiosas e diásporas fizeram parte daquela observação participante que valorizava a vida cotidiana como sujeito de pesquisa. Naquele bairro, identificavam a extinção de fronteiras labirínticas e muitas vezes inexistentes entre casa e rua, reinventando-se também enquanto pesquisadores. Por tratarmos de tempos pandêmicos, o título faz referência tanto a nossos percursos investigativos entre espaços públicos, quanto ao que se teve que reinventar metodologicamente em nossos locais de escrita durante quase dois anos. Para maiores informações, consultar: Vogel, Arno; MELLO, Marco Antônio; Mollica, Orlando. Quando a rua vira casa. Niterói: Eduff, 2016.

BRITTO, F. D. Co-Implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações. In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. **Corpocidade**: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

CANEVACCI, Massimo. **Sincrétika**: explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 2013.

_____. **Fetichismos visuais**. Corpos eróticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CARDONA, Ana María Arias. ALVARADO, Sara Victoria. Investigación narrativa: apuesta metodológica para la construcción social de conocimientos científicos. **Revista CES Psicología**, v.8, n.2, p. 171-181, 2015.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G.Gili, 2012.

CRUCES, Francisco. (coord). **Cosmópolis**: nuevas maneras de ser urbanos. Barcelona: Gedisa, 2016.

DIDI-HUBERMAN, George. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

GELAIN, Gabriela Cleveston. Herstory, elementos preliminares da trajetória de investigação de uma riot grrrl. **IS Working Papers** - Institute of Sociology of the University of Porto, v. 3, p. 1-27, 2017.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin ; HERSCHMANN, Micael **Relevância da cultura de rua no Rio de Janeiro em um contexto de valorização dos megaeventos**. Curitiba: Compós, 2016.

FREHSE, Fraya. **Quando os ritmos corporais dos pedestres dos espaços públicos revelam os ritmos da urbanização**. Civitas, Porto Alegre, v.16, n.1, p.100-118 – jan-mar.2016.

HARAWAY, Donna J. **Seguir con el problema**. Bilbao: Edición Consonni, 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 4ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACOMBE, Fabiano; Herschmann, Micael. **Convivialidade e Territorialidade Sônico-Musical no Carnaval da Charanga Talismã em Vila Kosmos**. In: Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, NÚMERO DO EVENTO, 2020, São Paulo INTERCOM, 2020.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

PONTES, Everton Vitor da Silva. **Fluxos musicais paulistanos alternativos entre ruas e redes**: territorialidades, performatividades e negociações nos ativismos queer. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2020. 214f.

QUEIROZ, Tobias Arruda; JANOTTI Jr, Jeder Silveira. **As lives de Teresa Cristina em tempos de escuta conexa**. In: Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2020.

REIA, Jhessica. A lei no bolso: Música de rua e a luta pelos espaços públicos no Rio Janeiro. In: FERNANDES, Cíntia S.; HERSCHMANN, Micael (orgs.) **Cidades Musicais: Comunicação, Territorialidade e Política**. Porto Alegre, Ed. Sulinas, 2018.

ROCHA, Rose de Melo. É a partir das imagens que falamos de consumo: reflexões sobre fluxos visuais e comunicação midiática. In: CASTRO, Gisela Granjeiro da Silva; BACCEGA, Maria Aparecida (orgs.). **Comunicação e consumo nas culturas locais e global**. São Paulo: ESPM, 2009. p. 268-293.

SOARES, Thiago. **Abordagens teóricas para estudos sobre música pop**. Rio de Janeiro, Logos, v. 2, n. 24, 2014.

SUSCA, Vincenzo. **As afinidades conectivas**. Porto Alegre: Ed. Sulinas, 2019.

VILAR, Fernanda. Migrações e periferias: o levante do slam. **Est. Lit. bras. Contemp.**, Brasília, n.58, e.588, 2019.